



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Orientação Profissional – Universidade ajuda jovens a encontrarem caminhos profissionais

Gilsenir Maria Prevelato de Almeida Dátilo

Como citar: DÁTILO, Gilsenir Maria Prevelato de Almeida. Orientação Profissional – Universidade ajuda jovens a encontrarem caminhos profissionais. *In* : CARVALHO, Sebastião Marcos Ribeiro de; BATAGLIA, Patricia Unger Raphael (org.). **Psicologia e educação** : temas e pesquisas. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p.149-172. DOI: <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-340-3.p.149-172>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).
Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).
Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL – UNIVERSIDADE AJUDA JOVENS A ENCONTRAREM CAMINHOS PROFISSIONAIS

Gilsenir Maria Prevelato de Almeida Dátilo

O trabalho aqui apresentado se refere à intervenção em Orientação Profissional (OP) com alunos de classes populares do Cursinho Alternativo da UNESP de Marília – SP (CAUM), no primeiro semestre de 2010. Para compreender sua execução, planejamento, condução e análise, é necessário contextualizá-lo. O capítulo tem como objetivo demonstrar como se tem desenvolvido tal atividade, pela autora e suas alunas do quarto ano de do Curso de Pedagogia. Resgataremos, inicialmente, a história do CAUM, da orientação profissional e os resultados alcançados através das intervenções.

O CAUM é um projeto de extensão universitária que atende jovens e adultos de classes populares, visando à formação para o vestibular. O CAUM iniciou suas atividades no mês de agosto de 1998. Começou com 60 vagas e hoje tem 120 vagas, e três salas de aula são disponibilizadas pela Faculdade de Filosofia e Ciências/Campus de Marília. As vagas priorizam os

alunos egressos de escolas públicas e se conformam à seguinte distribuição: 3 vagas para os primeiros colocados na prova escrita do processo seletivo; 6 vagas para servidores do Campus de Marília; 9 vagas para alunos que já pertenceram ao CAUM, e 102 vagas para os concorrentes que comprovem uma situação econômica precária, sua e do seu grupo familiar. As aulas ocorrem no período noturno, de 2^a a 6^a feira e, aos sábados, no período da tarde. A média anual de aprovação está situada em 15% de aprovados em Universidades Públicas e em 25%, em Universidades Privadas (UNESP, 2010).

Entendemos que são números satisfatórios, pois temos como base de análise o perfil do aluno que tem assento no CAUM e que, caso não tivesse a oportunidade de frequentar esse cursinho alternativo pré-vestibular, dificilmente conseguiria mudar a sua trajetória de exclusão social, cujo roteiro é escrito pela situação socioeconômica.

Atualmente (2010), está na Coordenação Geral o Dr. Luiz Roberto Vasconcellos Boselli, Vice-Coordenador, Dr. José Carlos Miguel, Supervisor Didático, Dr. Vandei Pinto da Silva.

Tem como objetivos oferecer condições ao aluno carente de ingressar na universidade, preferencialmente pública, gratuita e de qualidade; proporcionar ao aluno o contato mais direto com o mundo universitário; complementar a formação do aluno adquirida em nível de Ensino Médio, através de transmissão e elaboração de conhecimentos adicionais; oferecer condições para a reflexão que defina as opções de carreira; proporcionar aos alunos de graduação o envolvimento em projetos de extensão; articulação teórico-prática, servindo inclusive como campo de estágio; melhor formação profissional vinculada ao ensino e à pesquisa.

Os professores do CAUM são bolsistas PROEX, isto é, bolsistas do Projeto de Extensão da Universidade e os monitores são alunos regulares dos cursos das Áreas de Humanas e Biológicas – as duas Áreas que oferecem cursos de graduação, no Campus de Marília. Humanas, com os cursos de Arquivologia, Biblioteconomia, Ciências Sociais, Filosofia, Pedagogia, Relações Internacionais; e de Biológicas, os cursos de Fonoaudiologia, Fisioterapia, Terapia Ocupacional.

Os bolsistas e os monitores recebem orientações em reuniões de planejamento pedagógico que acontecem no início de cada semestre; em

reuniões mensais, que objetivam realizar ajustes; em contatos individuais com o Coordenador de Área pertinente a sua matéria, quando nessas oportunidades resolvem suas dúvidas; e em contatos individuais com o Coordenador e/ou Vice-Coordenador do CAUM, quando se faz necessária uma conversa reservada, para resolver algum tipo de pendência. O postulante a bolsista-professor do CAUM ingressa nesse Projeto de Extensão como monitor da matéria que mais tarde irá ministrar. Ele, passando pela seleção, atua como monitor, no mínimo por um ano, antes de assumir as aulas. As seleções de monitores são realizadas pelo Coordenador de Área – geralmente, o aluno é submetido a uma prova escrita, cujo conteúdo é o programa da matéria a ser trabalhada e, em alguns casos, ocorre também uma entrevista. Durante os anos de funcionamento desse cursinho, vários ex-alunos voltaram como bolsistas-professores.

A idéia da intervenção em Orientação Profissional surgiu no ano de 2009, a partir de um convite feito à pesquisadora, para que realizasse uma palestra com os alunos do CAUM, centrado no estímulo à motivação para que enfrentassem o vestibular. Foi uma experiência muito boa, quando tivemos oportunidade de divulgar que alunos nossos, oriundos também de classes populares, escolas públicas e cursinho alternativo, não só concluíram a graduação em Universidade Pública, mas também conseguiram passar no exame de seleção para o Programa de Mestrado; inclusive, tivemos, no dia, a oportunidade de levar uma dessas alunas conosco, e ouvir seu depoimento de luta, garra, persistência e vitória. Na ocasião, exibimos também um filme, “Desafiando Gigantes”, fato que mobilizou ainda mais os alunos. A partir de relatos de alunos que se diziam inseguros quanto à escolha profissional e o quanto gostariam de mais oportunidades de conversar sobre as expectativas e ansiedades decorrentes do processo de escolha profissional, bem como do vestibular – e, na época, ministrando para a graduação de Pedagogia a disciplina de Orientação Vocacional (OV) –, decidimos ofertar Orientação Profissional para os alunos do CAUM que manifestassem interesse e disponibilidade de horário para participar dos encontros.

A divulgação foi feita pessoalmente, através da pesquisadora e de algumas alunas do curso do quarto ano de Pedagogia, nas três salas do CAUM, ressaltando-se em todas a importância de participação do alunos nesse projeto, onde seriam tratadas questões relacionadas à escolha

profissional, trabalho, autoconhecimento, informação profissional e projeto de vida. Combinamos dia, horário e local, segundas-feiras, das 17h45 às 19h10, na sala 58 do prédio de Atividades Didáticas da UNESP – Marília-SP. Inicialmente, compareceram sete alunos, preencheram o questionário inicial (Anexo 1), cadastrando-se no projeto. *A posteriori*, permaneceram cinco alunos e, devido à dificuldades de horário, considerando que os alunos geralmente trabalham durante o dia, a semana toda e sábado de manhã. Foram selecionados, como alvo deste estudo, participantes que compareceram a todos os encontros, totalizando três alunos, que chamaremos de Sujeito 1, Sujeito 2 e Sujeito 3.

Para facilitar o entendimento do assunto, primeiramente, irei apresentar uma visão geral sobre o referencial teórico que embasa as atividades.

UM POUCO DA HISTÓRIA DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Segundo Bock (2006), a questão da escolha profissional não se constitui como um problema universal da espécie humana. Isto é, só recentemente, levando-se em conta a história da humanidade, os homens se colocam a questão “[...] do que fazer para alcançar sua sobrevivência”. Os ancestrais da humanidade viviam para sobreviver ou sobreviviam para viver, isto é, seu trabalho organizava-se como atividade de coleta e mais tarde de caça, para que pudessem se alimentar e se manter. Quando as pessoas moravam no campo, não se tinham escolhas: a partir de determinada época, o menino tinha que ajudar o pai no serviço da lavoura e assim era algo como “destino”. Mas... as coisas mudaram – e para melhor. A forma como se dava a sobrevivência não dependia de escolhas, as condições estavam estabelecidas aprioristicamente pela estrutura da sociedade e pela maneira como ela se organizava. A posição na sociedade era encarada como se fosse uma determinação divina, transmitida de pai para filho. O trabalho visava apenas ao sustento das pessoas. Até então, conforme Bock (1995), Bock (2006) e Ferreti (1997), a estrutura social era cristalizada e determinava o que cada um iria fazer, e a Igreja legitimava a ordem social, tudo sendo por vontade divina.

A escolha profissional só assume importância quando, de forma definitiva, se instala o modo de produção capitalista (BOCK, 1995; BOCK, 2006; FERRETI, 1997). Contextualizando um pouco a história da Orientação Profissional, só vimos avançar suas teorias e práticas, no modo capitalista de produção, que mais tarde, na chamada Revolução Industrial, introduzirá a divisão técnica do trabalho. A posição do indivíduo no capitalismo não é mais determinada pelos laços de sangue. Agora, essa posição seria conquistada pela pessoa, de acordo com o esforço que o despende para alcançá-la. O conceito de vocação muda; afinal, não se pode mais utilizar a idéia de que “[...] Deus quer que a sociedade seja assim”, como se fazia no modo feudal. A revolução burguesa pregava a idéia de igualdade entre os homens; para justificar as diferenças encontradas no seio da sociedade, desenvolveu o conceito de Vocação Biológica, o orgânico na época explicando as diferenças individuais e sociais. Se um indivíduo “não se deu bem na vida” (não obteve, segundo os parâmetros da sociedade, riqueza, prestígio, poder etc.), a justificativa para tal gira em torno da má escolha de sua profissão, de não ter encontrado a “verdadeira vocação”, ao invés de se proceder, como frisa Bock (1986), a uma análise da realidade socioeconômica para entender a situação.

Os primeiros trabalhos em orientação profissional surgiram com base em um referencial da Psicologia, que, na época, se baseava na psicometria, estando atrelados às práticas de seleção de pessoal fundamentadas no uso de testes. Influenciado pelo modelo norte-americano, buscava-se encontrar o perfil mais adequado para ocupar um cargo específico. Bock (1995) nos mostra as teorias traço-e-fator como um exemplo da abordagem psicométrica, responsável por atribuir traços ou características de personalidade como constitutivas do perfil profissional ocupacional dos indivíduos. Bock (1995) classifica as teorias traço-e-fator como parte da “Orientação Vocacional Tradicional” (Liberal), que se constitui pela ênfase no indivíduo como o único responsável pela escolha profissional. Dessa forma, o sucesso ou fracasso estariam relacionados às aptidões individuais, uma vez que, conforme essa abordagem, todos teriam oportunidades para realizar sua escolha.

Garbulho (2001), sobre as teorias que compõem a Orientação Vocacional Tradicional (Liberal), afirma que nelas a pessoa pode tudo

em termos de sua escolha profissional, já que são suas características pessoais, individuais, que determinarão seu sucesso ou fracasso. Para Bock (1995), essa perspectiva vai ao encontro da ideologia liberal, pautada nos princípios da individualidade, liberdade e igualdade. O modelo tradicional, segundo Bock (2006), entende que uma boa escolha é aquela que resulta da harmonia mais perfeita entre um perfil profissional ou ocupacional e o perfil pessoal, delineado a partir de uma técnica ou instrumento. O indivíduo, nessa abordagem, desde determinada idade, teria suas características pessoais cristalizadas, apresentando-se com certos traços específicos de personalidade, aptidões e interesses fixados e quase que perenes. Isso possibilitaria a comparação do perfil pessoal com os vários perfis ocupacionais já preexistentes. Esse modelo é estático, tanto no que se refere às profissões quanto ao indivíduo, caracterizando-se por ser muito superficial, porque não se dá conta de que a sociedade, bem como suas necessidades, são dinâmicas.

Ferreti (1988) questiona a ideologia liberal em orientação profissional e indaga quais as concepções de indivíduo e sociedade que lhes dão sustentação. Ele observa que as teorias até então estavam preocupadas em como o indivíduo processa a sua escolha; todas pressupõem que a escolha é uma decisão individual; admitem que fatores pessoais e sociais interferem no processo, mas dão ênfase ao caráter biopsicológico, concebendo os aspectos sociais como limitadores ou castradores das características originais e, por fim, essas teorias, implícita ou explicitamente, consideram que os indivíduos diferem entre si por uma série de características (aptidões, interesses, características de personalidade, ritmo de desenvolvimento, autoconceito etc). Tais diferenças levariam os alunos a optar por caminhos profissionais diferentes.

De acordo com Bock (2006), no Brasil, no final da década de 1970 e início da de 1980, em plena ditadura militar, surgiram as teorias críticas, que examinaram as teorias tradicionais ou liberais, apontando seu caráter ideológico, como favorecedoras da classe dominante. Cunha (1977) desmascara a visão liberal, ao apontar que essa escola é incapaz de agir segundo os próprios princípios que estabelece, afirmando que a análise do papel atribuído à educação de instrumento de equalização de oportunidades, pela doutrina liberal, pela pedagogia da escola nova e

pelo Estado, mostrou ter essa atribuição a função ideológica de dissimular os mecanismos de discriminação da própria educação, bem como os da ordem econômica.

A crítica à orientação profissional tradicional, segundo Bock (2006), coloca em xeque a concepção de que o indivíduo escolhe a profissão. A escolha seria um fenômeno pertencente à classe dominante, que, ideologicamente, é transposta para todas as classes sociais, sem qualquer questionamento, acabando por tornar-se uma idéia que mais justifica as desigualdades e injustiças engendradas pelo modo de produção capitalista do que explica como as pessoas se posicionam, na sociedade, tanto para atividade ocupacional quanto para as atividades de poder e prestígio.

Bock (2006) refere-se também à perspectiva das **teorias para além da crítica** como sendo para superar a dicotomia entre indivíduo e sociedade. É por isso que propõe uma nova abordagem, denominada **sócio-histórica**, aceitando formulações desenvolvidas pelas teorias críticas, mas apontando que é necessário um avanço na compreensão da relação indivíduo-sociedade, de forma dialética, e não idealista ou liberal; isto é, deve-se caminhar para a compreensão do indivíduo como ator e, ao mesmo tempo, autor de sua individualidade, que não deve e não pode ser confundida com individualismo.

Contribuiu para a construção dessa teoria Bohoslavsky (1993), que, na década de 1970, produziu uma abordagem denominada estratégia clínica. Bohoslavsky era psicólogo e, através da Psicanálise, buscava uma interpretação de como as pessoas escolhiam suas profissões. Esse autor, apesar de não ser identificado com a abordagem sócio-histórica, colaborou por ter apontado que as profissões e ocupações não são apenas pensadas de modo abstrato pelo indivíduo. Bohoslavsky acredita que a escolha se constrói a partir do que se vive, da internalização do que é vivido, resultando daí a dimensão histórica da construção de sua identidade. Para Bohoslavsky (1993), a pessoa, ao pensar sobre determinadas profissões, mobiliza imagens que foram construídas por sua vivência, incluindo, pessoas, mídia, leituras, novelas etc. A imagem construída sobre determinada profissão é o ponto de partida da opção profissional.

A **abordagem sócio-histórica** será nosso norte, no presente projeto; na perspectiva de Bock (2006), essa teoria questiona e é contra a forma de aproximação dos indivíduos com as ocupações por meio do modelo de perfis, enfatizando que as profissões e ocupações não são perenes e imutáveis. Essa abordagem trabalha com a idéia da multideterminação do humano, negando-se a concepção do ser humano natural ou abstrato.

A abordagem sócio-histórica aponta caminhos para entender o indivíduo na sua relação com a sociedade, de maneira forma dinâmica e dialética. Oliveira (1992) ressalta o nome de Vygotsky como o principal representante dessa abordagem, que tem como um dos seus pressupostos básicos a idéia de que o ser humano se constitui enquanto tal, na sua relação com o outro social. A cultura torna-se parte da natureza humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, molda o funcionamento psicológico do homem. Assim, conforme o autor, não há ruptura do indivíduo com a sociedade, nem a sua anulação enquanto ser singular.

Bock (2006) afirma que as propriedades que fazem do homem um ser particular, que fazem desse animal um ser humano, são o suporte biológico específico, o trabalho e os instrumentos, a linguagem, as relações sociais e uma subjetividade caracterizada pela consciência e identidade, pelos sentimentos e emoções e pelo inconsciente. O ser humano é multideterminado. Segundo o autor, na abordagem sócio-histórica, de acordo com a classe social de origem do indivíduo, ele tem mais ou menos liberdade para decidir, porém, sempre será multideterminado, isto é, diversos fatores, como os psicológicos, sociais, econômicos, interferem na escolha por uma profissão.

Assim, para as pessoas de classes mais privilegiadas, há também certa determinação social; portanto, não se trata de liberdade absoluta; de maneira semelhante, para os indivíduos das classes menos favorecidas, há possibilidade de intervenção sobre sua trajetória, de sorte que não há determinação social absoluta. Na abordagem sócio-histórica, não se reconhece como meramente ideológica a possibilidade de escolha das classes subalternas; entende-se que nisso reside a possibilidade de mudança, de alteração histórica, ao se reconhecer que os indivíduos podem, de certo modo, intervir sobre as condições sociais, por meio de ações pessoais ou

coletivas. O autor deixa claro que não se pretende, com isso, resgatar a concepção liberal de homem; da mesma forma, não se assume que se superarão todos os obstáculos colocados pela realidade por mera vontade pessoal, mas que as pessoas *podem lutar para mudar as condições em que vivem, tanto individual como coletivamente*.

Bock (1995) e Bock (2006) elaboraram propostas bastante semelhantes de orientação profissional, na abordagem sócio-histórica. Para superarem a visão mecanicista e estática desenvolvida pelo modelo dos perfis, partiram das contribuições do psicólogo argentino Bohoslavsky (1993), que, conforme já explicitado, na década de 1970, produziu uma abordagem denominada “estratégia clínica”. Sob a luz da Psicanálise, o estudioso procurava uma interpretação de como os indivíduos escolhiam suas profissões. Bohoslavsky (1993) dizia que o orientador deve levar em consideração os conhecimentos das diversas instâncias que influenciam o sujeito, desde suas características pessoais até as instâncias familiares, educacionais e mercadológicas. Embora não seja abordagem sócio-histórica, considera-se que a grande contribuição desse psicólogo tenha sido apontar que as profissões e ocupações não são pensadas ou operadas de modo abstrato pelo indivíduo. Ele mantinha uma certa proximidade com a abordagem sócio-histórica, no sentido de negar a visão liberal e naturalizante do sujeito. Buscava o entendimento de que o sujeito se constrói a partir do que vive, da internalização do vivido, resultando daí a dimensão histórica da construção de sua identidade.

Segundo Bock (2006), quando uma pessoa pensa em seu futuro, ao escolher uma forma de se envolver no mundo do trabalho bem como a atividade que vai desenvolver, mobiliza imagens que adquiriu durante a vida. Com efeito, aciona uma imagem que foi construída com base em sua vivência, por meio de contatos pessoais, de exposição à mídia, de leituras (biografias, livros, revistas), de ouvir dizer (transposição de experiências de outros), portanto, não só por intermédio de contatos pessoais, como Bohoslavsky aponta.

Assim, quando uma pessoa diz que pretende ser tal ou qual profissional, não está pensando em algo genérico e abstrato; existe um modelo que predispõe a essa pretensão. Essa imagem gera uma identificação ou um afastamento da profissão. Nos modelos tradicionais de orientação,

essa imagem é desconsiderada, enquanto, na visão sócio-histórica, ela é exatamente o ponto de partida de ação profissional. De acordo com Bock (2006), as pessoas constroem e lidam com a “cara” da profissão, e esta é o resultado do contato direto ou não, como já afirmado, que ela teve com a área profissional. Essa “cara” não é verdadeira nem falsa, não é nem mais próxima nem mais distante da realidade, não é correta ou incorreta, é simplesmente uma “cara” que deve ser trabalhada. As pessoas se identificam ou não com essas “caras”. É interessante perceber que elas são constituídas na interiorização e singularização do vivido, por isso, são diferentes para cada pessoa. O processo de identificação valoriza essas “caras”. Para Bock (2006), não são processos separados e ocorrem muitas vezes de forma simultânea. Localizar quais “caras” agradam e quais não agradam é o que aqui se chama de processo de identificação. Ela não ocorre necessariamente pelo aspecto objetivo ou racional dessa “cara”, mas responde a necessidades subjetivas que também foram construídas na relação com a história e o ambiente social.

Bock (1995) relaciona o trabalho de orientação profissional com base na abordagem sócio-histórica com um trabalho voltado para a promoção de saúde, pois se criam condições para que os indivíduos possam, através do trabalho realizado em grupo, se conhecerem melhor como sujeitos concretos, percebam suas identificações e singularidades, observem e analisem suas determinações, ampliem e transformem, dessa maneira, sua consciência e adquiram assim melhores condições de organizar seus projetos de vida e, especificamente, no momento façam sua escolha profissional. A autora salienta ser a prática promotora de saúde, na medida em esse processo estimula e promove reflexões sobre a própria adolescência, buscas e possíveis identificações, suas dúvidas a respeito do mundo e da sociedade onde vive. Nesse processo, emergem conflitos, estereótipos e preconceitos, os quais devem ser trabalhados para sua superação; em que a desinformação é enfrentada e possíveis caminhos são traçados, o autoconhecimento adquire *status* de algo que se constrói na relação com o outro, e não como algo que se dá a partir de uma reflexão isolada, descolada da realidade social, ou que se conquista através de um esforço pessoal.

Um princípio estruturante que é necessário desmistificar, segundo Bock (2006), é a idéia de que o orientador fará um diagnóstico e um prognóstico como fórmula de decisão. A estratégia é dar condições

para que a própria pessoa faça sua reflexão e possa decidir, compreendendo de forma mais ampla possível as determinações de sua escolha profissional.

O trabalho em grupo, para Bock (1995) e Bock (2006), é privilegiado em relação ao atendimento individual, por se entender que a dinâmica estabelecida enriquece o processo, permitindo a observação das dificuldades, opiniões, valores, interesses e projetos de vida do outro. A diversidade e heterogeneidade são valorizadas. Cada pessoa enxerga a vida de modo diferente e, num ambiente e sociedade democráticos, todos podem aprender com todos; pode-se perceber que não existe uma única verdade e um único caminho a seguir, apesar de todos terem em comum a exposição constante à ideologia da classe dominante.

Hoje, se o jovem tiver condições – incluindo aqui as econômicas, sociais, físicas e psicológicas poderá escolher como sobreviverá, que faculdade, curso ou carreira escolherá. Por outro lado, atualmente, diante da enorme oferta de informações sobre as mais variadas profissões, os jovens que possuem condições de estudar por mais tempo podem sentir-se “perdidos”, na hora da decisão de qual faculdade escolher. Nesse momento tão importante de suas vidas, às vezes eles nem se dão conta das inúmeras influências que sofrem: dos amigos, da mídia, da família, das profissões da moda, entre outras. Nessa época de suas vidas, em que na maioria das vezes são ainda muito jovens, é importante que eles reflitam sobre o que esperam da vida em termos de ocupação ou trabalho, que reflitam sobre o que é *trabalho*, quais os valores que o embasam, que consequências trazem para as pessoas e para a sociedade, que conheçam o cotidiano da profissão que pensam em seguir.

Os jovens devem pensar, segundo Garbulho, (2009), que tipo de profissional pretendem ser e como concebem o compromisso social da categoria escolhida. Ter um projeto de vida, de profissão, que vá além do individual e que considere o contexto social é fundamental. Para isso, é essencial reflexão, compreender o mundo para além do aparente. Buscar um sentido e um significado no trabalho, que ultrapasse a mera obtenção de sucesso, de prestígio e dinheiro. Para a realização desses aspectos é relevante um melhor conhecimento de si mesmo, como se pode ver com Shakespeare, em Hamlet: “E isto acima de tudo: sê fiel a ti mesmo. Assim, e tão naturalmente como a noite se segue ao dia, não serás falso para

com ninguém”. Ser fiel a si próprio é a primeira condição para uma boa carreira profissional e para tudo, na vida. Conforme Garbulho (2009), o autoconhecimento é fundamental: o aluno necessita se conhecer, saber o que lhe desperta interesse e como ele se imagina, daqui a dez ou quinze anos: são pontos importantes para definir o caminho a ser tomado. Outro aspecto citado pela autora e por Bock (1995) e Bock (2006) é a questão das ilusões e fantasias sobre as profissões; na verdade, estas são vistas como barreiras a serem derrubadas, para que a decisão do jovem seja mais condizente com a realidade. Informar-se sobre as profissões, seria uma maneira de não se iludir. Para tal, além das informações técnicas, é necessário que o aluno converse com um profissional formado em sua área de interesse, se possível, o acompanhe, mesmo que por um dia, para observar sua rotina de trabalho.

Bock (1995), Bock (2006) e Garbulho, Lunardelli e Schut (2005) afirmam que o aluno necessita ter informações sobre o *mercado de trabalho* para o curso escolhido; mas, ao mesmo tempo, precisa saber que ocorrem mudanças rápidas, de sorte que profissões que estão hoje na “moda”, no “auge”, podem não estar mais quando esses alunos se formarem, em quatro ou cinco anos.

Na era da pós-modernidade, o aluno precisa refletir e encarar o curso de graduação como um passo para a construção de sua carreira; Garbulho (2009) enfatiza a necessidade de aprender a lidar com as instabilidades e incertezas, de modo que ele tem que se aperfeiçoar constantemente e desenvolver habilidades dentro do mercado. É importante saber que uma carreira se constrói ao longo dos anos, com experiências e decisões tomadas.

Segundo Giacaglia e Penteadó (2010), a profissão representa um aspecto significativo na vida das pessoas, do qual, em grande parte, outras pessoas também dependem. É considerável o tempo que se dedica ao trabalho; pelo menos, um terço do dia, durante trinta anos ou mais. Com o seu desempenho, o indivíduo provê recursos para a própria subsistência e a de sua família, assim como contribui para o desenvolvimento econômico e social da comunidade e do país. Além disso, de acordo com as autoras, é por meio da profissão que o indivíduo satisfaz a necessidade de autorrealização, aplica suas capacidades e potencialidades e expressa sua personalidade. Por conseguinte, quando ele realiza uma atividade

compatível com suas habilidades e demais características, num ambiente favorável, o trabalho exercido se constitui um fator de ajustamento e de satisfação pessoal. Quando isso não ocorre, o exercício profissional, ainda que necessário e relevante, passa a ser um fator de desajustamento e de insatisfação individual e até um problema para os demais. O trabalho representa um aspecto tão capital na vida das pessoas, que elas geralmente se apresentam e se definem pela respectiva profissão.

Por outro lado, nas sociedades modernas, essa escolha é extremamente difícil e, como a mesma deve ser feita cedo, pelo jovem, este necessita, cada vez mais, de orientação especializada e eficiente para tarefa tão relevante e complexa e que, nas escolas, é responsabilidade do Orientador Educacional, figura que, infelizmente, poucas escolas possuem.

Em vista dessas razões, visa-se à intervenção, em nível de Orientação Profissional (OP) com alunos de classes populares do Cursinho Alternativo da UNESP de Marília (CAUM), para que possam refletir sobre a escolha profissional e o trabalho, recebendo atividades que os estimulem para o autoconhecimento e a informação profissional, favorecendo a que tracem seus projetos de vida.

A PARTIR DE AGORA VAMOS CONHECER OS SUJEITOS

O Sujeito Um é do sexo feminino, tem 53 anos, concluiu o Ensino Médio aos 52 anos, em escola pública de ensino regular no município de Marília. É casada, tem um filho, trabalha como doméstica de segunda a sábado, entra às 7h e sai às 17h30; na verdade, quando consegue sair antes das 18h, vem direto do trabalho para a Orientação e depois já fica para o CAUM. Demonstra, através de sua fala, muito interesse e motivação para aprender: “[...] adoro aprender porque gosto muito também de ensinar e ajudar as pessoas”. No começo das atividades, afirma que fará algum curso onde possa ajudar as pessoas, anotando sempre todas as informações. Após a aula, retorna para casa de ônibus, por volta de 22h40, onde prepara o jantar e o almoço da família para o dia seguinte; finalmente, entra para o banho e vai dormir, para às 6h começar o novo dia.

O Sujeito Dois é do sexo masculino, tem 18 anos, é solteiro, concluiu o Ensino Médio em 2009, no momento está desempregado.

No início das atividades, relata que, em termos de opção de curso, ainda não sabe o que fará, isto é, tem dúvidas, mas gosta de Ecologia, Nutrição, Engenharia, Biotecnologia, Medicina e Direito. É bastante interessado, quer saber além das profissões, sobre bolsas e auxílios que a UNESP oferece aos seus graduandos.

O Sujeito Três é do sexo feminino, tem 37 anos, casada, tem três filhos, concluiu o Ensino Médio em 2009, em escola pública de ensino supletivo em Marília, o CESMA. No início dos encontros, destacava que queria fazer Terapia Ocupacional, ou Pedagogia, ou Fisioterapia ou Nutrição. Trabalha três vezes por semana como diarista, saindo do emprego diretamente para a Orientação (OP) e, em seguida, para a aula do CAUM.

Os sujeitos deste trabalho são oriundos das classes populares, alunos trabalhadores, os quais reclamam que é muito difícil conciliar tudo, porém, “[...] quando a gente quer tudo é possível”, conforme fala do sujeito um, que retornou os estudos e sonha em concluir “uma faculdade”, mesmo que todos os seus familiares a desestimulem, garantindo: “[...] assim você não tem tempo para nada”.

Os principais objetivos da intervenção realizada foram:

- investigar o que significa na vida do aluno do CAUM a escolha profissional.
- identificar qual é a concepção que os estudantes possuem, a respeito do tema trabalho.
- propiciar ao aluno atividades que estimulem o autoconhecimento e a informação profissional.
- descrever os projetos de vida dos alunos.

METODOLOGIA

LOCAL DA INTERVENÇÃO

A intervenção foi realizada, em uma sala UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Marília, SP. A escolha do local de intervenção ocorreu por ser no mesmo prédio onde se desenvolvem as atividades do CAUM, de forma a facilitar transporte

e tempo para os alunos. Temos constatado que as intervenções em OP acontecem geralmente em escolas ou consultórios particulares. Os estudantes de classes menos favorecidas, não tendo recursos para pagar esse trabalho, recorrem (quando têm essa informação) às clínicas-escola das universidades de sua cidade, todavia, às vezes o número de vagas não é suficiente. Como as escolas públicas não oferecem serviço de orientação profissional, na maioria das vezes não existe possibilidade de acesso do estudante a esse tipo de serviço.

Para interpretação dos dados, foi utilizado o estudo de caso, conforme Yin (2010), no qual as questões “como” e “por que” são mais exploratórias, numa abordagem qualitativa. Essas questões lidam com os vínculos operacionais que necessitam ser traçados, ao longo do tempo, mais que as meras frequências ou incidências. No projeto aqui citado, foram verificados, através de questionários com questões abertas, os conceitos que os sujeitos possuíam antes e após a intervenção, referentes à *escolha profissional*, e o que a mesma representa, naquele momento; sobre a importância do *trabalho* para ele (a) e para a sociedade em que vivemos *mercado e campo de trabalho e sua dinâmica*. Ainda foram indagados sobre *as influências que receberam, seja da família, seja da mídia, livros, amigos etc.*, e uma questão concernente ao *projeto de vida pessoal e profissional, naquele momento e para daí a dez an*

POPULAÇÃO

Disponibilizamos 15 vagas, mas o grupo foi formado inicialmente por sete alunos, com idades de 17 a 53 anos: quatro desistiram na segunda sessão, afirmando ser muito difícil conseguir chegar no horário. Permaneceram, em todos os encontros, apenas três alunos, aqui chamados de sujeitos 1, 2 e 3. Todos trabalhavam e estudavam residindo com seus familiares. As atividades eram de empregada doméstica, *office boy* (temporariamente, depois o sujeito ficou desempregado) e diarista.

OS ENCONTROS

Foram realizadas 11 sessões, no primeiro semestre de 2010, com duração de aproximadamente uma hora, devido à impossibilidade de os alunos chegarem mais cedo, por estarem trabalhando. O horário escolhido para a realização do trabalho foi o único possível e acessível a eles, pois, em seguida, iniciavam-se as aulas do CAUM.

Na *primeira sessão*, foram realizadas as apresentações dos integrantes, bem como a exposição do Projeto de Orientação Profissional (OP), além do preenchimento do questionário (Anexo 1), relativo à identificação pessoal e de temas como “escolha profissional, conceito de trabalho, projeto de vida e autoconhecimento”.

Na *segunda sessão*, houve uma recapitulação dos conceitos vistos no encontro anterior, para se introduzir a Dinâmica referente à Escolha Profissional; no início, discutimos a relação do desempenho escolar com a escolha. Nessa ocasião, utilizamo-nos do procedimento citado por Bock (2006), denominado Procedimento do Sorvete, em que o objetivo seria levar os alunos a refletirem que, em última instância, toda escolha resulta de um ato de coragem. De acordo com Bock (2006), no procedimento do sorvete, o sujeito necessita escolher entre dois picolés de sabores diferentes, sem ter muitas informações, quais seriam as vantagens e desvantagens da escolha, riscos, que estratégias utilizar para ter mais conhecimento sobre sabores, custo, ingredientes etc., com o objetivo de que fizessem uma analogia com as profissões existentes ou que lhes gerassem dúvidas, no sentido de buscarem saber mais a respeito das mesmas. Ao término da dinâmica, após muitos questionamentos e discussões, chega-se à conclusão de que, apesar de a decisão ser individual, ela é multideterminada, é o que é possível no momento e sempre será um ato de coragem, pois, ao escolhermos uma profissão, abriremos mão de outra.

Na *terceira sessão*, tratamos da relação de gênero e escolha. Trouxemos notícias da Internet e dos jornais, que mostram que os homens costumam escolher mais a área de Exatas e as mulheres de Humanas e Biológicas. Na sequência, lançamos a seguinte pergunta: por que homens e mulheres escolheriam suas profissões de forma diferente? O objetivo é extraído de Bock (2006), onde se evidencia que interesses e personalidades

como um todo são construídos por meio da socialização na cultura de que o indivíduo faz parte.

A *quarta sessão* centrou-se na organização dos estudos, perguntando-se a eles como organizavam seus estudos, vendo essa atividade como mais uma maneira de fortalecer a possibilidade de passar no vestibular. Foram desenhadas na lousa duas grades horárias contendo o dia da semana e horas de estudo escolar e outras atividades: na primeira delas, os sujeitos descreveram o horário real e, na segunda, o horário ideal. O horário real caracteriza o que o sujeito faz, durante toda a semana, para avaliar suas lacunas e o tempo mal utilizado. O horário ideal consiste em conscientizá-lo do tipo de organização de estudos necessário, visando à inclusão de horas de estudo, sem privá-los de horas de descanso e lazer.

Por tratar-se de um grupo de estudantes que trabalham durante o dia, o que ficou evidente é como valorizam a aula e o professor, como uma grande oportunidade de aprender. O final de semana é para eles a oportunidade em termos de tempo maior para o estudo, mesmo assim, permeado por afazeres domésticos e relações familiares.

A quinta sessão foi o início do tema trabalho: pedimos aos alunos que, em dois grupos (nesse momento, obtiveram o auxílio das estagiárias da Pedagogia), redigissem no papel tudo de que precisariam para construir duas empresas. Um grupo seria responsável pela empresa do setor primário e o outro por uma do setor secundário da economia. Cada grupo deveria montar sua empresa conforme as orientações que a coordenadora do grupo passou sobre setor primário e secundário. Terminada a tarefa, entramos na discussão dos resultados, quando os grupos relataram sobre matéria-prima para construção de qualquer objeto, instrumentos de trabalho, capital, mão-de-obra ou trabalhadores. Depois, seguindo as orientações de Bock (2006), comparou-se essa lista com aquilo que outros tipos de organização social necessitam, para organizar o trabalho, como os índios. Na comparação, discutiu-se o tema trabalho, ação do homem sobre a natureza, por meio de instrumentos de trabalho, para obtenção de coisas necessárias para a vida. Ao final, abordaram-se os tipos de trabalho, manual e intelectual, e o conceito de setor terciário da economia, a prestação de serviços, a saúde, a educação, o comércio, telecomunicações, serviços de informática, seguros,

transporte, serviços de limpeza, serviços de alimentação, turismo, serviços bancários e administrativos etc.

A sexta sessão, ainda referente ao trabalho, permitiu dialogar sobre força de trabalho, mercado de trabalho, salários. O que fica evidente é que os alunos têm interesse em saber sobre mercado de trabalho, descobrem que é algo dinâmico, que varia de acordo com a economia.

A partir da sétima sessão, iniciam-se atividades referentes ao autoconhecimento e informação profissional, respectivamente.

Por autoconhecimento entende-se a análise da trajetória de vida de cada um, do que cada um gosta, pelo que se interessam, quais são as habilidades que desenvolveu e também o que pretende desenvolver mais, mudar, qual o seu projeto de vida. Segundo Oliveira (2008), é importante ter igualmente consciência do tripé – o que é possível, o que é desejável e o que é realizável, naquele momento.

A minha bandeira pessoal foi o tema da sétima sessão, onde foi solicitado aos sujeitos, também adaptando Oliveira (2008), que respondessem a seis questões pessoais relativas a: o maior sucesso realizado, o que mais valoriza na vida, as três atividades que faz melhor, o seu principal sonho e quem é a pessoa que mais admira. Os sujeitos colocam a honestidade e a persistência, como valores fortes em suas vidas; em comum, todos têm como sonho, naquele momento, fazer uma faculdade. Após essa atividade, foi entregue aos sujeitos uma folha dividida em três partes: “como cheguei, como estava e como estou”, que eles deveriam preencher.

O sujeito 1 preencheu, afirmando:

[...] cheguei sem instrução nenhuma, sem conhecimentos, de que seria uma orientação profissional, eu estava em duvida, com a Orientação Profissional eu fiquei mais esclarecida do que é possível o que é realizável e desejável. Como estou: cheia de animosidade, tudo que quero é estudar e me formar na profissão que eu gosto. Graças às orientações que obtive no curso, agradeço a colaboração da Professora Gilsenir. (sic).

O *sujeito 2* respondeu, quando comecei no grupo:

[...] eu já sabia o que queria mas com dúvida entre outro curso distinto mas da mesma área; Como estava? Um pouco confuso, mas conforme o tempo fui me acalmado e foi interessante minha permanência com vocês. Como estou? Certamente foi válida minha passagem por aqui, não me arrependo, continuo com o mesmo objetivo (nutrição), porém me serviu para conhecer melhor a universidade e mais coragem em chegar ao ensino superior, foi bom enquanto durou! Ao chegar apresentava muitas dúvidas entre medicina, nutrição, biotecnologia.

Por sua vez, o *sujeito 3* escreveu:

[...] eu cheguei aqui através do cursinho CAUM, foram avisar a nossa turma que ia ter aula vocacional e é onde a gente vai descobrir qual é a faculdade que vamos escolher. Eu estava com muitas dúvidas, sobre qual a faculdade eu iria prestar, e com aulas vocacionais, foram tirando minhas dúvidas e fui aprendendo cada vez mais o que eu quero, o que eu posso, qual é a minha chance de eu cursar e aprender mais. Hoje estou com mais confiança, aprendi muitas coisas e minha mente abriu mais, hoje estou sabendo muitas coisas sobre a faculdade, como funciona, qual será a profissão que eu vou escolher, todas elas têm seus altos e baixos, sua qualidade. Adorei participar desse projeto, continue assim, pois esse projeto ajuda muito a gente, a saber, o que é querer e poder.

Observa-se que os sujeitos sentem, na Orientação, uma oportunidade não só de pensarem na carreira profissional, mas também de vislumbrarem o mundo da Universidade, do trabalho e de se conhecerem melhor.

Na *oitava sessão*, tratamos ainda do autoconhecimento, mas diretamente ligado à escolha, uma escolha ajustada onde o sujeito possa avaliar suas possibilidades, seus gostos, capacidades e responsabilidades individuais e sociais; para isso, solicitou-se que fizessem no papel dois desenhos e os completassem. O primeiro consistia nas possibilidades, desejos e realização; o segundo era atinente ao que é desejável, possível e realizável. Entre os vários temas discutidos, alguns chamaram mais a atenção, como, por exemplo, o sujeito que relata que desejável era fazer Terapia Ocupacional, mas possível e realizável talvez fosse prestar vestibular para algo de que também gosta muito – Pedagogia: “adoro dar aula, crianças” (sic) –, sendo a concorrência menor, ele teria mais chances de obter êxito,

tornando realidade o que seria apenas uma possibilidade. Nessa sessão, os sujeitos, dentro do que era desejável, listaram em média cinco cursos cada um. Alguns conheciam pouco sobre as profissões, mesmo as que listaram e as dos colegas; em vista disso, distribuiu-se um Guia de Profissões UNESP, para que lessem, levassem para casa e devolvessem na sessão seguinte, com o objetivo de ampliar a visão das possíveis escolhas de cursos superiores.

Na *nona sessão*, principiámos com as dúvidas e colocações a respeito das profissões de que não tinham conhecimento, as cidades onde havia os cursos, as bolsas de estudos, os termos graduação, bacharelado, licenciatura, curso de pós-graduação. Pela fala dos sujeitos, verificou-se que estes gostaram muito das informações: um sujeito ressaltou que foi à internet pesquisar sobre a profissão pela qual parece estar se interessando mais, nutrição. Nessa sessão, foi solicitado que preenchessem uma folha contendo três afirmativas, de acordo com modelo de Bock (2006) – tudo o que você quer (desejos, sonhos), tudo o que você tem que (obrigações que a sociedade impõe) e você tem medo de (colocar em discussão os receios de cada um). A palavra “vestibular” e “escolha” apareceram, demonstrando o grau de ansiedade e preocupação vivido pelos orientandos, naquele momento, a propósito da situação que vivenciaríamos, ao final do ano.

A *décima sessão* foi voltada para o autoconhecimento, realizada através de uma dinâmica de grupo chamada Troca de Presentes, em que cada participante escreve em pequenas folhas de papel com o nome de cada participante, um presente que daria para aquela pessoa. Orienta-se que se pode escrever qualquer tipo de presente, material ou não, grande ou pequeno, caro ou barato, concreto ou abstrato – o importante é que tenha uma relação com a pessoa que o receberá. Após isso, pede-se que cada um escreva uma cartinha para seu colega de grupo, explicitando a imagem que a pessoa tem do dono do papel. Instrui-se que não se trata de um julgamento, e que a pessoa não precisa temer errar, porque se discutirá a imagem descrita no grupo. Em seguida, cada sujeito recebe seus presentes e a carta, comentando por escrito o que achou deles. Cada sujeito lê para o grupo, mostrando os presentes e a carta que recebeu, para que todos opinem sobre a imagem criada. Ao final, a própria pessoa faz comentários a respeito da imagem contida nos presentes, na carta e nas falas surgidas no

grupo. O objetivo é falar sobre imagens quase nunca verbalizadas e refletir sobre a imagem passada e a vivenciada.

Na *décima primeira sessão*, o tema foi: qual seu projeto de vida? Foi constatado que os três sujeitos que permaneceram na orientação pretendem prestar o vestibular, focados na opção que acham ser possível, no momento. Verbalizaram que, mesmo que não consigam passar, continuarão tentando.

O sujeito 1 ressaltou “[...] estar trabalhando em projetos sociais, estar colaborando com a sociedade, ensinando. Estar sempre em atividade”. O sujeito 1 se coloca em duas possibilidades profissionais: professora e assistente social; irá prestar dois vestibulares, um na UNESP – Marília e outro em universidade particular, através do PROUNI. Parei aqui

O sujeito 2 destacou:

[...] meu projeto é passar na faculdade e ir ficar uns 5 anos estudando e trabalhando (através do concurso que me inscrevi e espero passar); depois começar fazer pós-graduação e seguir na carreira acadêmica, trabalhando já como nutricionista onde DEUS quiser e, conquistando novos espaços sendo em São Paulo ou outro estado. Em relação a construir família é assunto que não sei quando e como acontecerá, mas é possível que sim, na hora certa. OBS: Sujeito a alterações.

Notório observar que o sujeito 2 está aberto ao novo, e vê suas decisões como as possíveis nesse momento, mas sujeitas a alterações.

O sujeito 3 enfatiza:

Daqui dez anos eu já estarei formada em Pedagogia, quem sabe cursando uma segunda faculdade, a partir do ano que vem eu estarei aqui e quem sabe você estará dando aula para mim.

Pelo desejo de estar formada e continuar a estudar, a idéia do profissional do século XXI como alguém que não para de atualizar seus conhecimentos parece estar incorporada.

Os sujeitos foram orientados a visitar a Feira de Profissões da UNESP – Marília, que se realizaria no dia 18 de agosto de 2010, onde, além de orientações para o vestibular, haveria salas com orientações sobre cada curso da Unidade, materiais usados nos cursos, *folders* explicativos,

visitas aos laboratórios de anatomia e biblioteca, além de palestras com profissionais especializados na área. O tema abordado, na ocasião, seria “A angústia e ansiedade do vestibular: o desafio da escolha profissional”, pela professora Beatriz Loureiro, especialista em Orientação Vocacional e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da UNESP de Araraquara.

RESULTADOS

Durante as sessões, muitos foram os temas abordados referentes à escolha profissional, dentre os quais se destacam as discussões onde os sujeitos puderam concluir que as escolhas são multideterminadas e, em última instância, um ato de coragem, fato esse que vem colaborar com as idéias de Bock (2006). “Todas as profissões são úteis, cada uma com sua especialidade...” (sic) “Tem que escolher uma profissão, não tem jeito, tem que arriscar, é preciso ter coragem” (sic). A fala do sujeito 3 confirma a necessidade de coragem para fazer uma escolha e/ou tomar uma decisão profissional. Observou-se, no início, que o sujeito 3 apresentava uma certa consciência do que seria necessário fazer, para chegar ao objetivo estabelecido, que, no caso, era escolher com maior segurança um curso superior, que, no momento, seria possível: “A escolha profissional significa mudar de rumo e gostar de tudo que faz”.

Saliento que o sujeito 3 se encontra matriculado na universidade no tão sonhado curso de pedagogia, não trabalha mais como diarista e tem uma bolsa de auxílio acadêmico, desta forma a dedicação ao estudo é maior, relata que quer ser uma ótima professora.

Ocorreu uma evolução no que diz respeito ao processo de construção da escolha profissional, a qual foi verificada por meio de depoimentos onde os sujeitos verbalizaram os múltiplos fatores que influenciam na sua escolha profissional, tais como: família, amigos, mídia, as relações sociais, culturais e econômicas, mas também afirmaram que a sua escolha seria feita de acordo com o que era possível naquele momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da proposta de atividade de intervenção, realizada juntos aos alunos do CAUM, possibilitou a reflexão a respeito dos principais conceitos relativos ao mundo do trabalho, bem como contribuiu, significativamente, para o processo de conscientização dos mesmos sobre os diversos fatores sócio-históricos, econômicos e culturais existentes na sociedade moderna, os quais influenciam, direta ou indiretamente, a tomada de decisão da escolha profissional.

Nesse sentido, constata-se que o projeto de orientação profissional desenvolvido foi relevante para a conscientização do processo de escolha profissional, sendo a universidade um espaço de debate, troca de conhecimento, socialização do saber e prestação de serviço à comunidade. Mediante observações referentes à carência de conhecimento dos jovens em relação à escolha profissional e da procura espontânea por atendimento através da Feira de Profissões da UNESP de Marília fez-se necessário a ampliação deste projeto de Orientação Profissional e atualmente ele é desenvolvido não somente para os alunos do CAUM, mas também há vagas para alunos de escolas públicas e particulares do ensino médio do município de Marília que desejem participar dos encontros.

O trabalho é realizado na UNESP e em duas escolas públicas de ensino médio do município de Marília. Contamos como auxílio de três estudantes da graduação de pedagogia que são bolsistas PROEX.

Acreditamos ser de fundamental importância que os educadores estimulem seus alunos na conscientização do conceito de trabalho, da possibilidade do estudo levá-los a alcançar novos e maiores objetivos de vida, estimulando a busca do conhecimento como atividade primordial para a construção de uma carreira profissional que proporcione satisfação e prazer no trabalho a ser realizado.

REFERÊNCIAS

- BOCK, A. M. B. et al. *A escolha profissional em questão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- BOCK, S. *Orientação profissional: abordagem sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2006.

- BOCK, S. D. Trabalho e profissão. In: CRP. *Psicologia no ensino de 2º grau: uma proposta emancipadora*. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia, 6ª Região: Sindicato dos Psicólogos no Est. de São Paulo: EDICON, 1986.
- BOHOSLAVSKY, R. *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- CUNHA, L. A. *Educação e desenvolvimento social no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves: CIEE, 1977.
- FERRETI, C. J. *Uma nova proposta de orientação profissional*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- FERRETI, C. J. *Uma nova proposta de orientação profissional*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- GARBULHO, N. F. *Processo de orientação profissional: avaliação de uma concepção de ensino sob a ótica do ex-orientando*. 2001. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.
- GARBULHO, N. F. *Guia de Profissões 2009: publicação da Assessoria de Comunicação e Imprensa da UNESP*. São Paulo: Fundação VUNESP, 2009.
- GARBULHO, N. F.; LUNARDELLI, A. F.; SCHUT, T. Orientação profissional: a construção de caminhos e autonomia com adolescentes de classes populares. In: LASSANCE, M. C. P. et al. *Intervenção e compromisso social: orientação profissional: teoria e técnica*. São Paulo: Vetor, 2005. v. 2, p. 203-230.
- GIACAGLIA, L. R. A.; PENTEADO, W. M. A. *Orientação educacional na prática: princípios, histórico, legislação, técnicas e instrumentos*. 6. ed. São Paulo. Cengage Learning, 2010.
- OLIVEIRA, M. B. L. *Orientação Vocacional: relato de intervenção*. Trabalho apresentado pela Coordenadora de Orientação Profissional da UNESP – Campus de Araraquara. Araraquara, 2008. Mimeografado.
- OLIVEIRA, M. K. Vygotsky e o processo de formação de conceitos. In: TAILLE, Y. L.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. *Piaget, Vygotsky e Wallon Teorias Psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus Editorial, 1992, p. 23-34.
- SHAKESPEARE, W. *Hamlet*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.
- UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP). Material didático do CAUM. *Cursinho Alternativo da UNESP tem inscrições prorrogadas*. 2010. Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/index.php?CodigoMenu=1&CodigoOpcao=1305&Codigo=342>>. Acesso em: 18 jan. 2010.
- WHITAKER, D. *Escolha da carreira e globalização*. 11. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 1997.
- YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.